alguns hipercríticos estrangeiros consideram pura ficção falar em **democracia social.** Mas a verdade é que há longos anos, as mulheres brasileiras já se encontram, em muitos casos, em situação igual à dos homens..."

E quando trata do Império, sua posição passa de conservadora a saudosista. O período aparece como o momento alto de nossa evolução, pois o regime "foi uma felicíssima combinação de monarquia com democracia, juntamente com um sistema de seleção aristocrática baseado não tanto nos méritos do nascimento, da raça, de côr ou da classe dos indivíduos, mas sim na sua capacidade individual, ou no seu mérito pessoal. O Império deu ao Brasil uma tradição de qualidade, em oposição ao simples democratismo quantitativo, característico, aliás, tanto das plutocracias como das demagogias eleitorais".

Maior ainda é a confusão que faz quando trata do pretenso espírito pacífico do brasileiro. A criação do mito da bondade aparece como símbolo da nossa história, onde são abolidos costumes bárbaros, como o duelo e a pena capital. Prosseguindo, diz que "os brasileiros detestam particularmente as soluções violentas" e que as "revoluções", seja a da Independência de Portugal, ou a da República, em 1889, foram **brancas** e não sanguinolentas".

Confundindo conciliação com violência, fatos momentâneos com particularidade, ficção com realidade, Gilberto Freyre tenta impingir êstes caracteres românticos como o fundamento do processo brasileiro. Aos mitos expostos, tenta acrescentar a idéia do "exército não messiânico". Porém, o que o autor consegue é historiar uma realidade parcial e, em parte, inverídica, pois, a história comprova que a nossa realidade é igual a de tôdas as outras: em todos os momentos radicais, a violência imperou. Canudos e Contestado, Palmares e e Bandeirismo, Revolução Federalista e 1932, são momentos exemplares que se repetem comumente na história brasileira passada e presente.

No entanto, o lusotropicalismo é tentativa de mostrar o caráter "benigno" e falso de uma realidade — realidade que não se traduz na ditadura portuguêsa e outras ditaduras, tão decantadas pelo nosso autor.

EDGARD CARONE

HISTÓRIA DO BRASIL, curso moderno, 1.ª série ginasial (das origens à Independência). Por Sérgio Buarque de Hollanda **et alii.** São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1971. 155 p. il., com dois livros de apêndices.

Esta é a segunda vez que Sérgio Buarque de Hollanda tenta penetrar na faixa do livro didático. A primeira foi quando colaborou com Otávio Tarquínio de Souza, no trabalho que resultou nos dois volumes de **História do Brasil,** livros editados pela Livraria José Olympio, na década de 1950. Agora, o tipo de colaboração mudou, já que o plano é didática e estèticamente mais ambicioso: Carla de Queiroz, Virgílio Noya Pinto, Laima Mesgravis e Sílvia Barbosa Ferraz trabalharam na parte gráfica, na distribuição do material e citações, no **Livro do professor** e no **Caderno de trabalhos práticos.**

A obra abrange textos para o aluno e o livro do professor. A primeira parte consiste nos livros didático e prático. A inovação aparece no volume de **História do Brasil I.** Aí é que os autores usam de didática mais moderna, aproveitando-se da experiência européia e americana. Em cada capítulo existe abundância iconográfica, textos de autores da época, quadros cronológicos, um resumo e um vocabulário. A concatenação dêstes elementos torna a leitura agradável e facilita grandemente a

compreensão intelectual e visual do momento estudado, pois, todo êsse material serve para melhor ilustrar os aspectos da evolução histórica e suas peculiaridades, principalmente quando os autores nos mostram a série de fatôres que condicionam cada um dêsses momentos.

É assim que existe em cada uma das oito partes em que o livro se divide, um subcapítulo sôbre "panorama cultural". Além disso, os aspectos factuais são apresentados num contexto mais completo: "vimos o que significou para o Brasil a presença do Rei Dom João VI. Vamos ver o que significou para Portugal a ausência do rei. Quando os franceses, alguns meses depois da invasão, foram forçados a se retirarem de Portugal, o país ficou sob o govêrno dos inglêses e a situação dos portuguêses se tornou difícil: o povo tinha empobrecido com a guerra; seu comércio estava prejudicado pela abertura dos portos brasileiros, seu rei encontrava-se no Brasil. O descontentamento entre a população generalizou-se até explodir em revolução".

Para o aluno, a visão globalizante torna a leitura mais agradável e completa. Porém, o texto escolar é mais genérico do que o **Livro do professor;** êste pretende ser mais metodológico e factual, dando ao mestre maior soma de conhecimento. Ao lado de sugestões de como o professor deve ler, anotar, preparar um relatório, motivar uma aula, verificar a aprendizagem, etc., encontramos mais pormenores sôbre tôdas as questões históricas da época colonial. Em cada capítulo de subsídios, temos sugestões, bibliografia, cronologia, chave de testes e o levantamento do material didático necessário.

O **Caderno de trabalhos práticos** é afinal o complemento escolar do volume de **História do Brasil I.** Fornece perguntas em forma de testes, relacionadas com os temas da época colonial e que servem para os exercícios que o professor deva dar aos alunos.

No entanto, certos reparos podem ser feitos: apesar do método moderno e da riqueza iconográfica e gráfica dos volumes, certas idéias continuam antiquadas e superadas. **O sentido da história** parece mais uma lição de moral:

"cada um de vocês (alunos) vai refletir sôbre a experiência do passado, vai pensar, com senso de responsabilidade, sôbre a maneira de contribuir, desde já, para o progresso cada vez maior do Brasil. Não se esqueçam de que o Brasil precisa de todos. De crianças e de adultos, dos mais moços e dos mais velhos. Êle espera que, todos unidos, ajudem, com inteligência, ordem, trabalho e boa vontade a resolver os seus problemas de cada dia".

No **Caderno de trabalhos práticos** pode-se notar que certos testes pecam pelo absurdo. Um exemplo, à página 37, indaga sôbre o decreto do Regente D. Pedro, que possibilita o desenvolvimento da imprensa no Brasil: é porque o decreto manda abrir fábricas de papel no Brasil, importa papel da África, ou torna a imprensa livre?

Êsses e outros senões não invalidam, contudo, a obra, que tem a seu favor um texto claro e indagador, e uma grande contribuição gráfica.

EDGARD CARONE